PERFEITO PARA
Ir ao teatro e ainda assim ser do rock
ONDE
Almada

CENA TÉCNICA

A boa alma de Sé-Chuão
De Bertolt Brecht
Encenação Peter Kleinert
Com Beatriz Godinho, Érica Rodrigues, Inês Garrido, João Tempera, Miguel Raposo, Pedro Melo Alves, Rita Cabaço e Tomás Alves

ESTREIA

Brecht é do rock

Peter Kleinert, encenador alemão, volta a Almada, de novo com Brecht. É a velha questão do ser bom ou pagar as contas, diz *Miguel Branco*.

EM 1981, Peter Kleinert, encenador alemão, fez com a Companhia de Teatro de Almada o espectáculo *A excepção e a regra*, de Bertolt Brecht. Recentemente, a mesma companhia voltou a cruzar-se com este nome, no website da Schaubühne, uma das casas de teatro mais importantes do mundo, em Berlim. Enviaram-lhe um mail para que viesse assistir ao Festival de Almada, Kleinert veio e no último dia de festival perguntaram-lhe se gostaria de voltar a trabalhar com eles. "Gostei do festival e vendo as condições do teatro, a estrutura, disse 'sim, porque não?'", conta. E ditou a história – mais a vontade de Kleinert, que quer o teatro realista, efervescente, narrativo – que voltasse a ser Brecht. *A Boa Alma de Sé-Chuão* estreia esta sexta-feira no Teatro Municipal Joaquim Benite, onde fica até 11 de Novembro.

Tal como na altura, o elenco é composto por vários jovens actores nacionais escolhidos por Kleinert num casting em Maio. Mas essa é das poucas semelhanças entre os dois momentos: "O espaço é muito maior, agrada-me todas estas possibilidades de som, de luz, de design de palco, nesse aspecto é muito diferente. Em 1981 estávamos num pequeno espaço em Almada Velha, eles não tinham dinheiro. Essa é a grande diferença. Para mim o mais importante no teatro são os actores, na altura tive um elenco maravilhoso, tal como agora, nesse aspecto não há diferenças."

Larguemos agora o enquadramento, que é tempo de nos fazermos a palco. O palco está aberto, desnudo, os figurinos e alguns pedaços do cenário correspondem aos limites da cena de um lado e a banda de rock pesado, quase a querer ser metal ou hardcore – cujos elementos são o elenco mais o director musical Pedro Melo Alves. No centro uma estrutura metálica, espécie de lego de ferro com rodinhas, que também sugere uma gaiola, com a diferença que esta se desfaz e se molda ao ponto de ser loja de tabacaria, fábrica de tabaco, casa de Chen Te (Rita Cabaço). Pois é, essa mesmo, a prostituta e pessoa mais bondosa de Sé-Chuão, que se já era boa pessoa, depois de ceder a sua casa para que três deuses – aliás, deusas, loiras, vestidas de preto e de trolley sempre em riste – possam pernoitar em Sé-Chuão, melhor se tornou.

Ou pelo menos era essa a sua ideia. Tais deusas, vendo que Chen Te não pediu nada em troca pelo alojamento, decidiram dar-lhe uma fortuna, deu-se uma chuva de notas. É aí que a ex-prostituta decide abrir uma tabacaria, mas, sabendo todo o cidadão da sua bondade, os fiados multiplicaram-se, as dormidas na loja à falta de outro tecto também. Sem melhor ideia, Chen Te, já desesperada, decide criar um alter ego, um primo que, ao contrário da prima generosa, era um empresário implacável.

Tudo isto, numa encenação praticamente musical, comandada pela música pesada, por um rock a descair para o metal, onde reina o dinamismo, o teatro dentro do teatro, o humor trôpego, onde tudo, como sugere Peter Kleinert "é música". "Disse isto muitas vezes aos actores: tudo é música. Não é apenas a música, o texto, as transições, o cenário, tudo é música. Sempre que enceno marco desde cedo o ritmo, a peça tem de ter um ritmo, com espaço para estar mais alto às vezes, mais baixo noutras, é essencial."

E se Kleinert nos permite uma pequena alteração à sua máxima: tudo aqui é rock. Ele próprio é rock. O elenco é rock. Chen Te é rock. Brecht é rock. ■

→Teatro Municipal Joaquim Benite. Qua 16.00, Qui-Sáb 21.00, Dom 16.00. 13€.

FOTOGRAFIA: RUICARLOSMATEUS